

LIÇÕES DA PSICOSE

Marcus André Vieira

II – Marguerite e o furo ♦

O amor é como uma torrente, não tente interrompê-lo em meio a seu fluxo. Não tente anulá-lo nem barrá-lo, você se verá subjugado e ele te afogará. As fontes são tão inamovíveis quando brotam do coração da terra como quando do coração do homem (Marguerite Anzieu).

Marguerite

Dos fatos

A rede

Pequeno histórico

A metáfora delirante

Os escritos

Transbordo

Furar o Outro

A mãe e o filho

Autopunição

Após o ato?

Sandro

Marguerite

Marguerite é Aimée, personagem central da tese de doutorado de Jacques Lacan. Novamente, tal como em *Estamira*, estamos sob o signo do três: alguém, uma obra e um protagonista. Este é um novo ser, bastante real, mas com um grão de ficção e se produz pela intervenção de um quarto, o secretário. Tal como ocorreu com Sergei Pankeieff, para sempre conhecido como o Homem dos Lobos, de Freud, cria-se este ser composto que conquista um lugar para o singular em meio ao saber universal e retorna sobre o original mudando seu destino.

Aqui o secretário é um psiquiatra e o personagem um caso clínico. A estrutura, porém, é a mesma, com a diferença, não desimportante, de que, neste contexto, mais rigidamente delimitado, nosso protagonista terá dois nomes, algo como “Margarida Amanda”. De modo análogo ao que ocorre com Estamira e Marcos Prado os destinos do protagonista e de seu secretário se entrelaçam quando a obra se inscreve na trajetória de cada um com efeitos decisivos (basta lembrar que o filho de Marguerite, Didier Anzieu, será analisante de Lacan sem que nenhum dos dois o saiba).

Nesse caso, porém, aparentemente estamos nas antípodas da paciente construção de uma estabilização, para a qual a analogia com a escrita parecia tão apropriada. O

♦ Texto preparatório para a segunda aula do curso livre do ICP-RJ realizado no Instituto Philippe Pinel, segundo semestre de 2007.

secretário não visa a produção de um nó de escrita porque ele aparentemente já foi produzido por outros meios. Dos mais drásticos. Aimée encontra Lacan já “curada”. O secretário entra em cena apenas após a estabilização. E esta não parece nada dever a uma costura, uma escrita, mas sim a uma violenta passagem ao ato.

Dos fatos



Como um caso psiquiátrico, a história se constrói com base em “evidências”, que são aqui fatos públicos, objetivos, por virem de fontes universais, socialmente compartilhadas. Vamos a eles: Aimée é presa após ter atacado à faca Huguette ex-Duflos, atriz de sucesso à época, na saída do teatro em que acabava de encenar uma peça. O delírio sistematizado e o comportamento instável e agressivo parecem justificar a passagem ao ato, pois a atriz ocupava papel central em toda uma rede de idéias delirantes de megalomania e perseguição. Semanas depois Marguerite é transferida para Sainte Anne, o grande hospital psiquiátrico de Paris, onde o jovem Jacques Lacan torna-se o psiquiatra do caso. Antes mesmo da internação,

porém, vinte dias após a passagem ao ato, o delírio abandona abruptamente Marguerite que cai em soluços e afirma ter realizado que a atriz nada tinha a ver com seus problemas.

A rede

O delírio tem em Huguette seu centro. Ela fazia parte de uma rede de perseguidores. Pierre Benoit, um escritor conhecido na época, estaria inserindo passagens de sua vida nas peças de teatro que escrevia. Huguette, nestas peças encenava seu personagem dando-lhe conotações vulgares. O objetivo dessa rede não era apenas o de ridicularizá-la, mas sim matar seu filho pequeno, Didier. Ela escreve às autoridades e gente influente para que a ajudem, decide afastar-se de sua família e fugir. Chega a pedir um passaporte com outro nome.

Dentro desse grande sistema compreende-se a passagem ao ato. Matar, ferir a atriz teria o sentido de um aviso à rede, mostrando que nem ela nem seu filho estariam indefesos. Que o ato não possa ser pensado fora de um sistema (ou, nos termos de Lacan, a partir de suas coordenadas significantes) é essencial. Mas ele não se reduz à essas coordenadas, vai muito além das razões que o justificariam. Menos ainda fica claro porque seu efeito resolutivo, com relação à angústia e ao próprio delírio, só ocorre vinte dias após o ato.

Lacan se encontra, então, com Aimée e coloca em ação o que mais tarde definirá como “tomar o psicótico ao pé da letra” (cf. Seminário 3). Conversa com ela “*a bâtons rompus*”, algo como “falava de tudo e de nada”. Esse é seu método: tudo é bom, tudo pode servir. Colhe muitos dados e sobretudo recebe de Aimée seus escritos.



Pequeno histórico

Quanto ao mergulho nos fatos, vejamos o que Allouch seleciona na tese de Lacan e complementa em impressionante pesquisa. Podem ser organizados em três blocos:

1. Marguerite é a terceira filha mulher de René e Jeanne, tendo ainda três irmãos homens, mais novos. É criada em uma fazenda do interior, no Cantal. Mas ela não é a única Margarida, pois leva o nome de uma morta. A filha mais velha da família, Marguerite, morreu aos cinco anos ao se queimar acidentalmente. A mãe, Jeanne, nomeia a terceira a filha com o nome da irmã morta, mas coloca, agora também o seu. Marguerite se chamará Marguerite Jeanne. A mãe de Marguerite é ela própria psicótica, o que leva a que Elisa, a irmã mais velha, cuide de Marguerite.

2. Marguerite torna-se funcionária dos correios aos vinte anos em uma cidadezinha do interior. Casa-se aos vinte sete já tendo mudado para Melun. Aos vinte e nove se reconhece no livro de Pierre Benoit *L'atlantide*. Grávida de uma menina aos 31, aborta-a. O início de suas idéias delirantes sobrevém durante a gravidez (ou logo depois). Ela afirma “se esta criança não viver eles são os responsáveis”. O delírio a seguir se sistematiza. Sua melhor amiga C. de N. será a perseguidora. Nesta mesma época o delírio da mãe se torna, também evidente. Dois anos depois nasce Didier. Ela não consegue cuidar dele sozinha: excesso ou falta de comida são comuns, a ponto de sua irmã Elisa passar a tomar conta dele. Continua nos Correios, mas em funções restritas. Foge e é internada a pedido do marido. Retorna para casa e ali permanece até os 35 anos cuidando razoavelmente das coisas e de seu filho. Obtém um posto novo nos Correios, agora em Paris. Sozinha, visita o filho e sua casa regularmente, mas aos poucos vai rareando. Procura Pierre Benoit e o interpela. Nesta época Duflos faz sucesso e ganha também as manchetes por um processo contra a *Comédie Française*. Quando já está há dois anos em Paris, Marguerite lê no jornal que um de seus perseguidores vai matar seu filho. Abandona de vez as férias em família e dedica-se apenas à sua atividade intelectual. No ano seguinte escreve *o Detrator* e o oferece à editora Flammarion. Redige muitas cartas e seu segundo romance *sauf votre respect*. Decide, então, divorciar-se e fugir com o filho por conta do perigo que ele estaria correndo. Na véspera do ataque a Huguete trabalha normalmente. No dia 18 de abril de 1931, um sábado, às 20 e 15 tenta esfaqueá-la, quando é presa. Está com 41 anos.



3. Escreve cartas delirantes ao Príncipe de Galles, entre outros. Em 8 de maio ocorre a queda brusca do delírio para surpresa de suas companheiras de quarto. Em junho é transferida para internação em Ste. Anne onde inicia-se o tratamento com Lacan. A Defesa da tese de Lacan ocorre em 7 e setembro do ano seguinte. É transferida para *Ville Evrard* seis anos depois. Sua mãe falece no ano seguinte e logo após ela, pela primeira vez, pede alta, obtida dois anos após. Está com 53 anos. Passa a trabalhar como empregada. Sete anos depois, seu filho Didier inicia análise com Lacan,

dezoito anos após a defesa da tese. Durante dois anos ela será governanta na casa do pai de Lacan, Alfred. Lacan se surpreende ao encontrá-la em uma visita ao pai. Nessa época diz ao filho que ela é a Aimée de Lacan. Didier interpela, então, Lacan, perguntando-lhe porque não lhe contara o que certamente como seu analista havia adivinhado ao longo da análise. A análise é interrompida. Meses depois, no final deste ano Lacan realiza a conferência SIR em que lança seus três registros. Nas férias apresenta em Roma “Função e campo da fala e da linguagem”, texto inaugural.

A metáfora delirante

A escrita do delírio, como escrita da metáfora delirante, funda-se em um “querem matar meu filho” e “estão me ridicularizando” que, articulados, produzem todo um mundo de articulações e uma rede ilimitada de significações. Apesar disso, é difícil assumir que o sentido delirante, por si só seja o bastante para justificar o ato. Seus efeitos e repercussões subjetivas vão além de um “eliminei meu inimigo”.

Lacan insere o trabalho do delírio na personalidade como um todo, que inclui as relações sociais e históricas para demonstrar como, neste contexto mais amplo e consistente, o ato se justifica como um ataque não apenas contra a perseguidora, mas como um ato de violência contra ela mesma. É impossível tomar o delírio como um fragmento isolado da personalidade e é impossível tomar o ato como uma agressão imaginária incidindo sob sujeitos reais.

Os escritos

Há, porém, uma outra via para o trabalho da psicose de Aimé. Seguem algumas passagens escolhidas desta outra via que não a delirante e que por hora vamos chamar de escrita do transbordo (os números se referem às páginas da Tese de Lacan):

O torrão natal:

Sobre os limites noroestes da Aquitânia durante a primavera, os picos ficam negros de gelo, mas os vales são cálidos, pálidos, cerrados: eles guardam o sol. As mulheres casadas tomam, para seus filhos, a beleza em meio às cores do vale castanho. As tulipas não gelam durante o inverno, em março são longas, delicadas e todas coloridas de sol e lua. As tulipas ganham suas cores do sol moroso, as futuras mães as ganham das tulipas! (181)

Paris e o transbordamento do sexo malsão:

Chego a Paris e não creio em meus olhos. O barulho das ruas me impede o descanso. Vejo os grande fornos e chaminés com suas gargantas, seus ventres, e suas mulheres todas ataviadas com seus vestidos de seda (...). Países estão sendo riscados do mapa e se só houvesse Paris na França ela já o teria sido. Se há uma ilha habitada apenas por feras monstruosas é essa, com suas prostitutas em centenas de milhar, seus gigolôs, suas casas de prazer a cada cinquenta metros, com a miséria de espremida na única peça do casebre.

As **mulheres** devem escolher entre uma vida fútil, carnal, ou entre os deveres mais altos de abnegação, inteligência e maternidade:

E o sermão às mulheres prossegue... Casem-se na igreja para terem o direito de contar com uma segunda vida, para poderem ser perdoadas por terem tido má vontade com seus maridos, de lhes terem feito cenas por um pedaço de fita. Assim vocês poderão se arrepender diante do altar, abrir seu coração ao céu e fechá-lo a seu esposo, deixarem-se fazer besteiras para ter o direito

de pedir graça diante do altar e de deixar para mais tarde o pagamento do tributo que devem em bondade e inteligência. Implorem pelas grande cortes celestes e ao mesmo tempo admirem tudo o que é indigno na Terra. Não se dêem ao trabalho de buscar conhecer a verdade, não falem nunca de suas crianças, ignorem seu destino e vivam indiferentes, cuidem bem de onde colocam suas coxas e evitem a maior preocupação de todas, a de não ser casada. Tolerem tudo menos o bem e não olhem mais longe que a porta de suas casas. As mulheres aquiescem, fazem o sinal de cruz e ficam satisfeitas de terem falhado com seus deveres, a não ser o de estarem presentes na hora da carne. Desperdiçam seu tempo em trabalhos inúteis e em complicações vãs. (197/8).

Mas quem decide o destino para o bem ou o mal são os “**homens de letras**”:

Eu poderia lhes enumerar desde a guerra na França e mesmo no estrangeiro o que as agitações celeradas dos poetas desencadearam. Elas me matam *in effigie* e os bandidos matam; elas cortam em pedaços e os bandidos; elas guardam segredos e os povos guardam segredos; elas preparam sedições e citam em vez de apaziguar pilham, destroem e vocês destroem: vocês são uns vândalos. (195)

Quando você descobre uma revolta um crime, pesquise bem (...). Ele [o homem de letras] quer imprimir-lhe sua influência perigosa e vã de homem sem moral e sem bondade. Não há acontecimentos maus cujos amadores de glória não sejam mais ou menos culpáveis na província ou mesmo no estrangeiro. Não há escândalo que não tenha sido sugerido pela conduta ou as ações desenvolvidos de alguns amantes de letras ou de jornalismo (196)

Ser livre ou morrer, disseram na revolução.
Mas não se pode ser livre
Digo que na sociedade se um homem é livre outros não o são
Então retenham isso: a revolução desafiou a razão. (195)

Transbordo

Os escritos de Marguerite falam com uma intensidade impressionante de uma inundação contida. A beleza dessas escritos reafirma a definição de Lacan do belo como uma ruptura com o que aprisiona em nós o transbordo. Não a inundação, mas o ponto onde ela irrompe (cf. Seminário, livro 7, p. 354 e seguintes). Ao fixar, assim, o gozo do transbordo, a que se referia Estamira em seu discurso, aqui presente como algo que vai do sexo ao amor, eles o fazem brilhar.

O amor é como uma torrente, não tente interrompê-lo em meio a seu fluxo. Não tente anulá-lo nem barrá-lo, você se verá subjugado e ele te afogará. As fontes são tão inamovíveis quando brotam do coração da terra quanto do coração do homem. (180)

Esta empreitada arriscada de escrita, na tentativa de fixar alguma coisa que não seja arrastada pelo transbordamento oceânico, nem sempre é bem sucedida. É preciso algo que destaque dessa invasão alguma coisa e permita recortá-la.

Furar o Outro

A invasão é o que Lacan denomina de gozo do Outro. Entendemos agora que não se trata necessariamente do Outro como perseguidor, grande personagem apaixonado ou odiando-nos, mas o Outro como a cultura/linguagem como tal, infinitamente ilimitado em seu poder de tudo dizer e tudo fazer (cf. Seminário 3, p. 227).

É o que vive e realiza um personagem de *Budapeste*, de Chico Buarque, com o fluxo contínuo de sons ao ouvir o jornal na TV húngara: "Eu não tinha como saber onde cada palavra começava ou até onde ia, era impossível destacar uma palavra da outra, seria como pretender cortar um rio com uma faca (...). Vinha eu escutando aqueles sons amalgamados quando de repente escutei a palavra clandestina: *Lufthansa*. Sim, era a brecha que me permitiria destrinchar todo o vocabulário".

Paradoxalmente, não serão as estátuas mais poderosas que resistirão ao furacão da perdição, da sexualidade, como Aimée situa o transbordo, mas sim o vazio. É ele que Marguerite encontra para sustentar e estabilizar seu mundo. Melhor que o carvalho ou o junco, um vazio, um furo é aquilo que resiste a todas as intempéries, pois não há como destruí-lo. *É um furo no Outro que o ato vai constituir.*

A mãe e o filho

A morte de um filho talvez seja em nossa cultura o mais ineliminável buraco que pode se abrir em uma existência. É esse que Marguerite porá em jogo. Um filho morto é algo terrível, mas de certa forma, aquilo que para sempre caracterizará uma mulher como mãe. Nunca mais "prostitua". A mãe marcada pela perda organiza o caos real, que tantas vezes, como para Aimée, aparece no sexo, e lhe dá um destino.

Autopunição

Atacando Huguette, diz Lacan, Marguerite se atinge, o que o leva a denominar a paranóia de Aimée de "autopunição". Assim, dá conta da "cura" em dois tempos. "Com o mesmo golpe que a torna culpada diante da lei, Aimée golpeia a si mesma e quando ela o compreende, experimenta então a satisfação do desejo realizado: o delírio de torna inútil, desaparece (tese p. 253)." Ele considera que apenas quando realiza que ela conseguiu ferir-se a si própria, quando "ela experimenta o alívio afetivo e a queda brusca do delírio"(tese p. 250). Este "ferir-se a si própria", a partir das considerações do próprio Lacan em seu décimo Seminário 10, deve agora ser entendido como "furar o Outro", no sentido de nele plantar um furo, fixar algo, um elo entre nomes e o real, que não se desfaça na próxima esquina. Isso não é tarefa simples, quando este Outro é uma inundação, ou, como chama Lacan o "Outro da angústia" ou Outro da presença (21/11/62). É um Outro que reúne tudo, tal como na realidade virtual, ou a realidade de nosso mercado globalizado, capaz de oferecer incessantes e infindas possibilidades de leituras e releituras ou de objetos. A perda do filho será aqui a localização de um furo e o filho, o que Lacan chamará, a partir deste seminário, de objeto a, o bem mais precioso e ao mesmo tempo obrigatoriamente resto (algo que se deve perder, deixar cair, para que se possa viver).

Após o ato?

No ato há um após. Nele, “o sujeito reencontra sua presença renovada” (29/11/67). Talvez apenas no a posteriori do reconhecimento pelo Outro é que um ato se distingue realmente de uma passagem ao ato. É o que obteve Aimeé. Um lugar no Outro para suas letras e um enlace entre elas que seja rocha e furo, uma escrita da vida que faça um texto aberto a infinitas leituras e ao mesmo tempo fixo em suas coordenadas de base. Nada muito distante da doce e cotidiana agonia de todos nós.

Sandro

Se isso parece-lhes forçado, ou exageradamente especulativo, tomemos um exemplo bem próximo. Não é preciso ir longe para se avaliar os efeitos da impossibilidade de dar ao transbordo um furo. Sua mais brutal demonstração talvez tenha sido a de Sandro do Nascimento, com o seqüestro do ônibus 174 em junho de 2000. Muitos já descreveram e analisaram, a partir do ocorrido, o absurdo da polícia, do governo ou de nossa sociedade. Vamos apenas lembrar que Sandro parou o país durante quatro horas, sem nenhuma demanda precisa e que exigiu desde o início a presença das câmeras. Coordenou uma tensa e confusa encenação, fazendo a polícia por algum tempo acreditar que ele havia executado um de seus reféns. Ao mesmo tempo, colocou-se continuamente em cena para designar-se como objeto caído do Outro. No face à face com suas vítimas, Sandro parece ter definido o público, que a tudo acompanhava pela televisão como aquele que deveria ser atingido com a perda de uma vítima para que as coisas pudessem ser um pouco mais razoáveis do que o sangue e a fúria em que desde sempre tinha vivido. Ocorre que, para seu público, era ele o objeto *a*, a ser jogado no lixo para que as coisas pudessem voltar à ordem. Isso levou assim a que Sandro e a mídia dançassem um dramático *pas de deux* que, com a entrada da polícia, culminou com a morte de uma inocente refém e com sua própria morte, ejetado da cena do mundo.

Bibliografia

- Allouch, J. *Paranóia (Marguerite ou a Aimée de Lacan)*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2005.
- Buarque, C. *Budapeste*, São Paulo, Cia. das Letras, 2003.
- Guimarães, Celina, *A passagem ao ato falha*, Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, PUC, fev. 2007.
- Lacan, J. *O Seminário livro 10 - A angústia*, Rio de Janeiro, JZE, 2004.
- O Seminário livro 3 – As psicoses*, Rio de Janeiro, JZE, 1985.
- Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1932/1987.
- Malajovitch, Nuria, *Inventar o amor*, um desafio na clínica das psicoses, Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, UFRJ, 2005.